

### RESUMO

No presente artigo são apresentadas algumas semelhanças entre o pensamento de Paul Ricoeur e Karl Popper, de maneira especial sua crítica ao subjetivismo e ao psicologismo. Essa crítica está endereçada em Ricoeur à hermenêutica romântica com seu ideal de compreensão: “compreender o autor melhor do que ele se compreendeu a si próprio. Em Popper a crítica está dirigida às epistemologias do mundo 2, isto é, centradas no sujeito ou no “Eu sei”. Ricoeur propõe como resposta ao psicologismo romântico a superação da intenção pelo sentido na interpretação, o que leva a um enfoque objetivo, que conduz a uma ontologia que se concentra não naquilo que o texto tem atrás de si (o que levaria ao psicologismo), mas na realidade que o texto descortina diante de si. Popper propõe a autonomia dos habitantes do mundo 3: poemas, teorias, interpretações, entre outros, com respeito aos habitantes do mundo 2. É essa autonomia a que possibilita a liberdade e humildade de uma aproximação crítica ao real, abrindo mão das teorias e interpretações que não dão mais conta da sua complexidade, substituindo-as por outras mais fecundas e abrangentes. A própria filosofia e a arte serão sometidas a esse esquema. Finalmente é proposto um elemento pontual no qual os dois autores coincidem: a valorização das mediações materiais enquanto enriquecimentos do real face ao enfoque oposto de Platão, para quem os entes materiais são sempre cópias empobrecidas das idéias.

**Palavras-chave:** subjetivismo, psicologismo romântico, hermenêutica romântica, epistemologia.

### THE PRIMACY OF THE OBJECTIVE IN RICOEUR AND IN POPPER

This article presents some similarities between Paul Ricoeur's and Karl Popper's thoughts, especially related to their criticism of subjectivism and psychologism. In Ricoeur, the criticism is addressed to romantic hermeneutics with its ideal of understanding: “to understand the author better than he understood himself.” In Popper, criticism is directed to the epistemologies of world 2, centered on the subject or the “I know.” Ricoeur proposes the overcoming of intention by meaning in interpretation as a response to romantic psychologism. This sense leads to an objective approach. In turn, it leads to an ontology that focuses not on what the text has behind it (which would lead

---

<sup>1</sup> Professor auxiliar do Centro de Teologia e Humanidades da Universidade Católica de Petrópolis.  
E-mail: martin.fernandez@cetolicapetropolis.com.br

to psychologism) but on the reality that the text unveils before it. Popper proposes the autonomy of world 3's inhabitants: poems, theories, and interpretations, among others, concerning the inhabitants of world 2. This autonomy allows the freedom and humility of a critical approach to reality, giving up theories and interpretations that no longer take into account their complexity, replacing them with more fruitful and comprehensive ones. Philosophy and art itself will be subject to this scheme. Finally, a specific element is proposed in which the two authors coincide: the valorisation of material mediations as enrichments of the real in the face of Plato's opposite approach, for whom material beings are always impoverished copies of ideas.

**Kew-words:** subjectivism, romantic psychologism, romantic hermeneutics, epistemology.

---

## 1. INTRODUÇÃO

Chamamos primazia do objetivo em Ricoeur e em Popper à rejeição do subjetivismo (e em particular do psicologismo) presente nos seus enfoques hermenêutico e epistemológico respectivamente.

O leitor perceberá uma maior presença de Ricoeur ao longo do trabalho. Essa maior presença é consciente e proposital e se fundamenta numa maior familiaridade com o filósofo francês. Os temas serão tratados quase sempre em primeiro lugar de acordo com a visão de Ricoeur para depois tentar encontrar alguma semelhança ou contrapartida em Popper.

O presente trabalho é, pois, necessariamente incompleto e pede, como complemento, um segundo momento especulativo: uma abordagem que faça o caminho de volta de Popper para Ricoeur, buscando um co-relato das idéias do primeiro no segundo.

## 2. A PRIMAZIA DO OBJETIVO

Para Ricoeur, o lado objetivo do discurso pode tomar-se de dois modos diferentes: podemos significar o “o quê” (sentido) do discurso ou o “acerca do quê” (referência) do discurso. Essa distinção, introduzida na filosofia moderna por Gottlob Frege em “Sobre o sentido e a referência” (*Ueber Sinn und Bedeutung*), pode-se conectar diretamente com uma outra distinção, que Ricoeur trata no início de “Teoria da interpretação”: a distinção semiótica-semântica. É na semântica, isto é, na frase, que aparece a pretensão de verdade do discurso: enquanto o sentido “correlaciona a função de identificação e a função predicativa no interior da frase, a referência relaciona a linguagem ao mundo” (Ricoeur, 1976, p. 31).

No primeiro ensaio de “Teoria da interpretação”, Ricoeur realiza um esforço por evidenciar a interrelação existente entre várias dialéticas. Por exemplo, já quase

na conclusão do mencionado texto, escreve: “a dialética do evento e significação recebe um novo desenvolvimento da dialética do sentido e da referência” (Ricoeur, 1976, p. 32). O ato de referir é o evento lingüístico que recebe sua estrutura de significado do sentido. O sentido, por sua vez, é atravessado pela intenção de referência do locutor (Ricoeur, 1976.).

A primazia do objetivo em Ricoeur é manifesta principalmente no seu reconhecimento da particular originalidade da dialética sentido-referência. Ela “diz alguma coisa acerca da relação entre a linguagem e a condição ontológica do ser-no-mundo” (Ricoeur, 1976, p. 32). Com Frege, Ricoeur afirma o postulado da referência como condição necessária para a identificação<sup>2</sup>: “não nos satisfazemos apenas com o sentido, mas pressupomos uma referência” (Ricoeur, 1976, p. 32). Mais adiante, referindo-se novamente à dialética sentido-referência, escreve: “esta dialética é tão fundamental e tão originária que ela poderia dominar toda a teoria da linguagem enquanto discurso” (Ricoeur, 1976, p. 33).

Esta afirmação da linguagem como fundamentalmente referencial, este postulado da existência das “coisas singulares que identificamos” como condição ontológica da linguagem é o que define, ao nosso modo de ver, a primazia do objetivo no pensamento de Ricoeur.

Em Popper também encontramos a primazia do objetivo no caminho escolhido para avaliar e comparar teorias, sejam elas refutáveis ou irrefutáveis. As teorias filosóficas, mesmo sendo irrefutáveis (o que as diferencia das teorias científicas, por definição refutáveis), podem ser discutidas porque são racionais e buscam resolver determinados problemas. Escreve Popper “Uma teoria só será compreensível e razoável em relação a uma certa situação-problema; só poderá ser discutida racionalmente se discutida essa relação” (Popper, 1989, p. 225).

Se as teorias filosóficas forem apenas afirmações isoladas a respeito do mundo, enunciadas como quem diz: “aceite se quiser”, sem relação com qualquer outra coisa, elas, de fato, não poderiam ser discutidas (Popper, 1989, p. 225). Esse recurso a um elemento externo ao próprio discurso (no caso, o discurso da teoria filosófica) como critério de avaliação e comparação é um movimento necessariamente referencial e, portanto, parecido à condição ontológica da linguagem em Ricoeur. De fato, encontramos também uma preocupação pela situação-problema no próprio Ricoeur. Essa preocupação aparece, por exemplo, no estudo VIII da *Metáfora viva*, nas páginas dedicadas ao pensamento de Santo Tomás de Aquino sobre a analogia do ser. Ricoeur escreve:

---

<sup>2</sup> Enquanto a seleção está ligada a uma teoria da linguagem centrada na palavra, a identificação está ligada a uma teoria da linguagem centrada na frase e na predicação. É na frase, no nível semântico, que o sentido deve ser procurado. Dizer que a referência é condição da identificação é dizer que a referência é condição do sentido.

O que permanece de fato assinável (...) é o modo como o pensador se comporta em relação às dificuldades internas da sua própria solução. Por um lado, com efeito, a solução aristotélica do problema é retomada nas suas grandes linhas. Por outro lado, a sua aplicação ao domínio teológico enfrenta tão grandes obstáculos que é o próprio conceito de analogia que deve ser incessantemente reelaborado e submetido a novas distinções em que se exprime o trabalho de pensamento cujo intento nos interessa (Ricoeur, 1983, p. 412-413).

É necessário deixar em claro que a situação-problema inicial do discurso não se identifica com a “intenção” do autor. Aqui novamente Ricoeur e Popper concordam na primazia do objetivo. Para Popper a intenção pertence ao mundo 2, isto é, ao mundo do sujeito, ao qual não temos acesso. Graças à existência autônoma dos textos com respeito ao autor (como no mundo 3 popperiano), a intenção inicial não é necessária, e inclusive pode constituir-se em obstáculo para uma boa interpretação. O entendimento que um autor tem de si mesmo deixa de ser o paradigma da interpretação. É assim que Ricoeur, e também Popper, se distanciam do ideal romântico da congenialidade na interpretação: “entender um autor melhor do que ele a si próprio se entendeu”.

Nessa linha, na “Teoria da interpretação” Ricoeur esforça-se em impugnar os pressupostos da tradição romântica da hermenêutica (em especial a que deriva de Schleiermacher e Dilthey), que identifica a hermenêutica com a categoria de compreensão e define a compreensão como o reconhecimento da intenção de um autor do ponto de vista dos endereçados primitivos, na situação original do discurso (Ricoeur, 1976, p. 34).

Mais do que o ideal romântico da congenialidade, que permite ao intérprete compreender o autor melhor do que ele a si mesmo se compreendeu, Ricoeur vê como objetivo da interpretação o sentido verbal da obra em si. Os românticos teriam descurado, “a situação específica criada pela disjunção do sentido verbal do texto, relativamente à intenção psicológica do autor” (Ricoeur, 1976, p. 87).

O projeto de Ricoeur é muito mais amplo do que a impugnação dos pressupostos da hermenêutica romântica. Ele busca chegar à definição correta da tarefa hermenêutica. Na procura dessa definição assume a análise estrutural como um estágio necessário para passar de uma interpretação ingênua ou de superfície para uma interpretação crítica ou de profundidade. Desligada desta função específica, a análise estrutural “se reduziria a um jogo estéril, a uma álgebra divisória” (Ricoeur, 1976, p. 98).

Essa interpretação de profundidade não é alguma espécie de apreensão intuitiva da intenção subjacente ao texto, o que seria mais próprio de um enfoque romântico, mas a descoberta do sentido, que não se encontra por detrás do texto, mas à sua frente, nas posições da realidade descortinadas pela referência. “Compreender um texto é seguir o seu movimento do sentido para a referência: do que ele diz para aquilo de que fala” (Ricoeur, 1976, p. 99). O papel mediador da análise estrutural nesse movimento justifica a retificação de uma abordagem subjetiva do texto por

outra objetiva. Essa abordagem objetiva procura o sentido do texto como uma injunção ou novo modo de olhar as coisas, um novo modo de pensar que se desdobra a partir do texto.

Resumindo o escrito acima: encontramos em Ricoeur a abordagem objetiva de uma interpretação de profundidade (oposta a uma interpretação ingênua) como caminho ao sentido verbal do texto, em movimento que leva à referência do texto. A referência é a capacidade que um texto tem para se relacionar com o mundo exterior a si mesmo, descortinando certas posições da realidade antes inexploradas: é como uma força centrípeta que se liberta e tende pontes.

### 3. EM TORNO AO MUNDO 3

Já que mencionamos o mundo 3, é necessário que esclareçamos, ainda que brevemente, em que consiste essa noção popperiana. Em contraste com o mundo dos objetos físicos ou estados materiais (mundo 1), o mundo dos estados de consciência ou estados mentais, ou talvez de disposições comportamentais para agir (mundo 2), Popper considera o mundo 3: mundo de conteúdos objetivos de pensamento, especialmente de pensamentos científicos e poéticos e de obras de arte (Popper, 1975, p. 108). As teses centrais de Popper sobre os três mundos são: a irrelevância das epistemologias tradicionais com sua concentração no mundo 2, a importância decisiva do estudo do mundo 3 de conhecimento objetivo amplamente autônomo e a capacidade de uma epistemologia objetivista do terceiro mundo para iluminar o mundo 2 da consciência subjetiva (Popper, 1975, p. 113-114).

Sendo assim, poderíamos incluir como habitantes do mundo 3 popperiano o conjunto de sentidos, referências, interpretações de que vínhamos falando; produtos do conhecimento que obtêm sua independência e que vão alargando seu rádio de ação. Como infinitas teias de aranha que se entrecruzam, os raciocínios e as teorias vão se iluminando e se apoiando mutuamente e permanecem abertas para receber iluminação inclusive de linguagens não descritivas como são o mito e a poesia. Essa é a tese central da “Metáfora viva” de Paul Ricoeur (a inter-animação dos discursos metafórico e especulativo) e também compartilhada por Popper: “Seu início [o da ciência] deve ser buscado no mito poético, na fantasia humana que tenta fornecer uma explicação de nós mesmos e do mundo” (Popper, 1989, p. 293-294). Essa origem no mito é compartilhada pela ciência e a poesia: “Afirmo que na poesia (...), como também na ciência, a criação de mitos ainda desempenha um papel inesperadamente grande” (Popper, 1989, p. 294). O progresso da ciência é possível graças a uma crítica de orientação natural, enquanto o progresso na arte é dado por uma crítica estético-literária (Popper, 1989, p. 294). Por sua parte, Ricoeur, defensor da dialética dos modos de discurso, afirma que “o pensamento especulativo apoia seu trabalho sobre a dinâmica da enunciação metafórica e orienta-a para o seu próprio espaço de sentido” (Ricoeur, 1983, p. 477).

Uma contrapartida no pensamento de Ricoeur a autonomia do mundo 3 popperiano pode ser encontrada na autonomia semântica do texto, em permanente dialética com o significado autoral. A vontade dialética de Ricoeur, o leva a assumir, criticamente, em síntese superior, duas alternativas, que podem ser colocadas em falsa oposição por um olhar não dialético: o conceito de autonomia semântica (desconexão da intenção mental do autor relativamente ao significado verbal do texto), que marca uma despsicologização da interpretação e a noção de significado autoral. Exemplos dessa falsa oposição são a falácia intencional de W. K. Wimsatt, que sustenta a intenção do autor como critério para qualquer interpretação válida do texto e a falácia do texto absoluto (hipostasiação do texto como uma entidade sem autor) (Ricoeur, 1976, p. 42).

Resguardar a significação autoral implica não esquecer que “num texto permanece um discurso dito por alguém (...) a mais alguém acerca de alguma coisa” e não reduzir, conseqüentemente, “os textos a objetos naturais, isto é, a coisas que não são feitas pelo homem, mas que, como calhaus, se encontram na areia” (Ricoeur, 1976, p. 42).

Agora dirigimos o olhar para o contraponto dialético do parágrafo anterior: em defesa da autonomia semântica, diz Ricoeur: “Por outras palavras, temos de *conjecturar* o sentido do texto porque a intenção do autor fica para além do nosso alcance. É talvez aqui onde mais forte é a minha oposição à hermenêutica romântica” (Ricoeur, 1976, p. 87). E mais adiante: “O fato é que o autor já não pode “resgatar” a sua obra (...) sua intenção é-nos muitas vezes desconhecida, por vezes redundante, às vezes inútil e, outras vezes até prejudicial no tocante à interpretação do sentido verbal da sua obra” (Ricoeur, 1976, p. 87). Essa citação aproxima Ricoeur de Popper: o que interessa realmente a uma autêntica interpretação é o que o texto diz em si, o sentido verbal, e não o que está por detrás do texto, a intenção do autor. A reação contra o psicologismo subjetivista dos românticos coincide em Ricoeur com a preocupação por garantir uma interpretação de profundidade, sometida à crítica, capaz de corrigir, com seu enfoque objetivo, o subjetivismo da hermenêutica romântica fundamentada no evento e no diálogo. Ricoeur estenderá essa objetividade da interpretação inclusive às linguagens não descritivas, em particular à linguagem poética, que não se reduz a um simples ornamento do discurso, mas que cumpre uma função informativa e revivificadora do pensamento especulativo<sup>3</sup>. Aqui também encontramos um outro ponto de encontro com Popper, quem afirma a objetividade da beleza nas artes (entre elas a poesia) e o mito na origem da própria ciência. Ponto de encontro que ao mesmo tempo deixa ao descoberto um importante distanciamento

---

<sup>3</sup> “A aproximação operada por Max Black entre modelo e metáfora (1), dito de outro modo, entre um conceito epistemológico e um conceito poético, permitir-nos-á explorar a fundo esta ideia que vai diretamente contra qualquer redução da metáfora a um simples “ornamento”. Se se levar até ao fim esta sugestão, será necessário dizer que a metáfora comporta uma informação porque ‘re-descreve’ a realidade” (Ricoeur, 1983, p. 37).

entre os dois, já que Popper considera que devemos à linguagem descritiva e argumentativa (funções superiores e mais importantes da linguagem) a nossa humanidade, nossa razão, “pois nossos poderes de raciocinar nada mais são que poderes de argumentação crítica” (Popper, 1975, p. 122). Ricoeur, pelo contrário, mantém como uma de suas hipóteses interpretativas de Aristóteles, a partir da noção de transgressão categorial, uma metafórica inicial, isto é: a metáfora na origem da linguagem e de uma ordem conceitual constituída: “Não haverá, segundo a expressão de Gadamer, uma “metafórica” em ação na origem do pensamento lógico, na raiz de qualquer classificação?” (Ricoeur, 1983, p. 37). E mais adiante: “Estamos perto da nossa hipótese mais extrema: isto é, a “metafórica” que transgride a ordem categorial é também aquela que a engendra” (Ricoeur, 1983, p. 39).

Recolhendo a definição aristotélica de metáfora, comum à Retórica e à Poética, Ricoeur afirma que “bem fazer as metáforas [à letra: bem metaforizar – *eu metaphorein*] corresponde a bem aperceber as semelhanças” (*to to homoion thêorein*) (Poética, 1459 a 4-8)” (Ricoeur, 1983, p. 38). Esse “metaforizar bem” não é o fruto de um aprendizado, mas do gênio. Não se aprende a metaforizar, o que para Ricoeur é compatível com a teoria moderna da invenção: “não existem regras para construir boas hipóteses; há-as apenas para as validar” (Ricoeur, 1983, p. 39). Há, pois, uma semelhança entre a genialidade necessária para metaforizar bem e elaborar boas hipóteses explicativas da realidade, susceptíveis a serem submetidas a posteriores testes de eliminação de erros (enfoque de Popper).

O caráter objetivo da metáfora em Ricoeur pode ser associado a sua interpretação de Aristóteles. Refletindo sobre a relação entre filosofia, retórica e poética, no primeiro estudo da Metáfora Viva, Ricoeur afirma que “a retórica não abrangia [na Grécia antiga] todos os usos do discurso (...) permanecia limitada, não só por cima, pela filosofia, mas também lateralmente, por outros domínios do discurso. Um dos campos que deixa exterior a si é a poética” (Ricoeur, 1983, p. 19). O desdobramento da retórica e da poética interessa a Ricoeur porque a metáfora (em Aristóteles), pertence aos dois domínios. As metáforas retóricas buscam persuadir os ouvintes à maneira de provas de segunda ordem. As metáforas poéticas têm um projeto mimético: “o seu objetivo é compor uma representação mais essencial das acções humanas; o seu modo próprio é o de dizer a verdade através da ficção, da fábula, do *mythos* trágico” (Ricoeur, 1983, p. 20).

Na “Autocrítica criativa na ciência e na arte”, Popper se pergunta sobre a possibilidade do progresso na arte. “Mas onde certamente há progresso –e obviamente também declínio- é no poder criativo do artista individual” (Popper, 1989, p. 297). No mencionado texto, Popper distingue dois tipos de artistas: por um lado os que são capazes de criar uma obra perfeita sem tentativas preliminares (seria o caso de Mozart na música e de Russell na filosofia) e, por outro, os que trabalham com tentativa e erro e correção de erros (Beethoven na música). Os artistas do segundo tipo são os que mais interessam a Popper. Eles se caracterizam, como Beethoven, por uma constante atitude autocrítica que pode chegar a ser implacável.

Nesses casos “a correção de erros leva à comparação, a uma comparação entre o alcançado e o almejado, a imagem ideal da obra, que se modifica continuamente sob a pressão do trabalho. A obra que desponta exerce uma influência cada vez importante e significativa no trabalho criativo” (Popper, 1989, p. 298). Esse segundo tipo de artista é semelhante, para Popper, ao cientista criativo. Os dois começam “com uma concepção ousada que pode alçar sua obra a alturas insuspeitadas pela correção da concepção” (Popper, 1989, p. 299). Como conciliar isso com o acima dito por Ricoeur? Popper admite que por mais que o sucesso do segundo tipo de artista esteja em grande medida associado à aplicação da correção de erros sempre será necessária a ousadia inicial, a criatividade, para as quais não existe aprendizado.

#### **4. A SUPERAÇÃO DA INTENÇÃO PELO SENTIDO**

O que significa essa superação, e por que a escolhemos como um novo ponto de comparação entre Ricoeur e Popper? Não é, por certo, uma expressão popperiana. Porém, não é forçado comparar o conhecimento subjetivo (do mundo 2) com a intenção e o sentido com o conhecimento objetivo (mundo 3). Dessa maneira, podemos encontrar, também em Popper, uma “superação da intenção pelo sentido”. Isso fica claro na própria formulação do mundo 3. Com efeito, diz Popper: “O mundo da linguagem, das conjecturas, teorias, argumentos –em suma o universo do conhecimento objetivo- é um dos mais importantes desses universos criados pelo homem, mas ao mesmo tempo amplamente autônomos” (Popper, 1975, p. 119). Assim como a superação da intenção pelo sentido é central no pensamento de Ricoeur, a idéia de autonomia é central na teoria do terceiro mundo de Popper (1975, p. 119).

Quando Ricoeur diz que “a superação da intenção pelo sentido significa precisamente que a compreensão tem lugar num espaço não psicológico e apropriadamente semântico, que o texto revelou ao separar-se da intenção mental do seu autor” (Ricoeur, 1973, p. 87), se aproxima da abordagem “objetiva” chamada por Popper “abordagem do terceiro mundo”, em contraste com “a abordagem behaviorista, a psicológica e a sociológica do conhecimento científico, a abordagem “subjetiva” ou abordagem do ‘segundo mundo’” (Popper, 1975, p. 116).

Deve ficar claro, porém, que Ricoeur não quer se desvencilhar totalmente da significação autoral, como já assinalamos alguns parágrafos acima, embora conceda muita maior importância à autonomia semântica, que impregna, desde seu ponto de vista, o espaço da compreensão. Essa vontade de resguardar a significação autoral encontra também um paralelo na importância concedida por Popper às situações-problema na avaliação de teorias refutáveis e irrefutáveis.

Não é do nosso interesse a discussão sobre qual dos dois pensadores é mais radical em sua afirmação da autonomia dos habitantes do mundo 3. Basta-nos com chamar a atenção sobre o gesto comum aos dois de conceder um lugar dentro das

suas elaborações teóricas à intenção do autor. No caso de Ricoeur é um espaço redimensionado pela crítica estrutural<sup>4</sup>. O lugar da intenção para Popper é o mundo 2, isto é: o conhecimento subjetivo do “Eu sei”, distinto do conhecimento objetivo dos habitantes do mundo 3.

#### 4. VALORIZAÇÃO DAS MEDIAÇÕES MATERIAIS FACE A PLATÃO

Como último ponto de comparação, pinçaremos um aspecto muito pontual do pensamento de Ricoeur que pode nos oferecer um ângulo de comparação com Popper: a sua comparação da escrita com a pintura, no contexto mais amplo da defesa da escrita. Como veremos depois, Popper também compara a ciência com a música, a poesia<sup>5</sup> e a pintura<sup>6</sup>, o que nos oferece um lugar comum, ao qual os dois autores chegam de diferentes pontos de origem. Para entender o percurso de Ricoeur, é importante entender sua afirmação da função icônica da escrita, que é compartilhada pela pintura.

A comparação é realizada no contexto de uma defesa da escrita contra a crítica de pensadores como Platão, Bergson e Rousseau. A defesa de Ricoeur toma como ponto de partida a comparação feita entre escrita e pintura no Fedro no contexto da teoria do *eikon*. Indo um pouco mais longe, Ricoeur afirma, seguindo F. Dagognet (*Écriture et iconographie*), que “seria possível retornar ao problema da escrita como um capítulo numa teoria geral da iconografia” (Ricoeur, 1976, p. 52).

“Longe de produzir menos do que o original, a atividade pictórica pode caracterizar-se em termos de ‘aumento icônico’ onde, por exemplo, a estratégia da pintura é reconstruir a realidade com base num alfabeto óptico limitado” (Ricoeur, 1976, p. 52). Esse alfabeto ótico está constituído pelas técnicas de pintura. Dentro da história de evolução dessas técnicas, Ricoeur ressalta os artistas holandeses pela

---

<sup>4</sup> “Como mostrou a nossa discussão destas condições a noção de evento lingüístico não está cancelada, antes se encontra submetida a uma série de polaridades dialéticas condensadas no duplo título de evento e significação e sentido e referência. Tais polaridades dialéticas permitem-nos antecipar que *os conceitos de intenção e diálogo não se devem excluir da hermenêutica, mas que devem antes libertar-se da unilateralidade de um conceito não dialético de discurso*” (Ricoeur, 1976, p. 35).

<sup>5</sup> “A poesia e a ciência – portanto, também a música – são consangüíneas. Elas se originam da tentativa de interpretar nossa origem e nosso destino, e a origem e o destino do mundo” (Popper, 1989, p. 295).

<sup>6</sup> “Ele [o pintor] projeta, esboça, corrige. Ele dá uma pincelada e recua para testar o efeito. O efeito da pincelada depende fortemente do contexto, de tudo o que já existe; além disso, a nova pincelada repercute sobre o todo; tudo se modifica por meio dela, tudo se torna diferente – para melhor ou para pior. E, com a repercussão sobre toda a imagem, a imagem ideal, que nunca é totalmente fixada, também se altera; ou seja, o objetivo que o artista tem em mente” (Popper, 1989, p. 298).

invenção do óleo: realçando contrastes, restituindo às cores sua ressonância e deixando aparecer a luminosidade.

“Porque era um químico, um destilador, um envernizador e polidor conseguiu escrever um novo texto da realidade” (Ricoeur, 1976, p. 53). As gravuras, capazes de exibir o essencial graças a estar baseadas na invenção de um alfabeto (pontos sincopados, pinceladas e manchas brancas) e o impressionismo, com sua abolição das normas naturais e a geração de um ambiente construído com signos elementares que rivalizam com a visão ordinária ao serem combinados de diversas formas. Diz Ricoeur: “A pintura, com a arte abstrata, aproxima-se da ciência ao desafiar as formas perceptivas, relacionando-as com estruturas não perceptivas” (Ricoeur, 1976, p. 53).

Através da comparação escrita-pintura, Ricoeur quer chegar ao valor positivo da mediação material pelos signos escritos. Considerando a escrita como um caso particular de iconicidade, e a iconicidade como um aumento estético da realidade (revelação de um real mais real do que a realidade mesma, real que não é cópia ou duplicação do original, mas realidade metamorfoseada), Ricoeur procura dar uma resposta decisiva à crítica de Platão à escrita.

Curiosamente, a noção de mundo 3 em Popper também é ocasião de crítica e diálogo com Platão. Para Popper Platão é o descobridor do mundo 3 e da sua retrocarga sobre nós mesmos. A diferença entre o mundo 3 platônico e o de Popper é que o primeiro é divino, sempre verdadeiro e imutável. O mundo 3 Popperiano é, pelo contrário, humano, mutável e contém não só teorias verdadeiras, mas também teorias falsas (Popper, 1972, p. 123-124).

O enfoque de Platão conduz, segundo Popper, a um nominalismo ou essencialismo, que, deixando de lado a questão mais importante: a da verdade ou falsidade das teorias, se dedicam à discussão sobre o significado das palavras (conceitos). Para Popper, os conceitos “são parcialmente meios de formular teorias, e parcialmente meios de sintetizar teorias. De qualquer modo, sua significação é principalmente instrumental; e eles podem ser sempre substituídos por outros conceitos” (Popper, 1972, p. 124).

O valor positivo atribuído por Ricoeur à mediação pelos signos escritos se deve, “tanto na escrita como na pintura, à invenção de sistemas de notação que apresentam propriedades analíticas: descontinuidade, número finito e poder combinatório” (Ricoeur, 1976, p. 53-54). Em outras palavras, a mediação material da linguagem não implica um empobrecimento, mas ao contrário um enriquecimento estético da realidade.

Em Popper também há uma valorização da mediação do mundo 3, enquanto construção humana, e em particular da linguagem descritiva. Diz Popper: “A este surgimento das funções superiores da linguagem é que devemos nossa humanidade, nossa razão. Pois nossos poderes de raciocinar nada mais são do que poderes de argumentação crítica” (Popper, 1972, p. 122). Esse mundo das funções superiores

da linguagem é o mundo da ciência onde através da crítica racional sistemática se produz um crescimento do conhecimento, seguindo o esquema

$$P1 \rightarrow TT \rightarrow EE \rightarrow P2^7$$

Para Popper, esse esquema expressa “nossa autotranscendência por meio da seleção e da crítica racional” (Popper, 1972, p. 122). Nessa construção do conhecimento e elaboração de teorias que se aproximem mais à verdade do que aquelas que as antecederam, a possibilidade do erro está sempre latente. Em um mundo onde também as teorias falsas podem se revelar úteis e frutíferas, o desejo de verdade possibilita a humildade e a renúncia de deixar que as nossas teorias morram em nosso lugar (Popper, 1972, p. 123).

## 6. CONCLUSÃO

Ao longo do presente trabalho, fizemos uma comparação entre alguns elementos do pensamento de Ricoeur e Popper. A primazia do objetivo foi o primeiro ponto tratado, onde encontramos uma contrapartida ao enfoque dialético da interpretação do Ricoeur –que privilegia a autonomia do sentido verbal do texto face ao significado autoral- na autonomia do mundo 3 popperiano. A superação da intenção pelo sentido nada mais é do que um aprofundamento da rejeição dos autores face ao subjetivismo. Essa rejeição tem como alvo, em Ricoeur, a hermenêutica romântica e em Popper as epistemologias do mundo 2 (“Eu sei”). Finalmente, encontramos um ponto em comum na valorização das mediações materiais face a Platão, que em Ricoeur assume a forma de uma reflexão sobre o valor icônico da escrita e em Popper sobre a relação entre os habitantes do mundo 3, e em particular a linguagem argumentativa, e a racionalidade humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

POPPER, K. *Conjecturas e refutações*. 4ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1972, 449p.

\_\_\_\_\_. Autocrítica criativa na ciência e na arte. In: \_\_\_\_\_. *Em busca de um mundo melhor*. 2ed. Lisboa: Fragmentos, 1989, 244p.

\_\_\_\_\_. *O conhecimento objetivo*. Tradução de Milton Amado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975, 394p.

---

<sup>7</sup> Onde P1 é o problema inicial, TT é o teste, EE é a eliminação por ensaio e erro e P2 é o problema final, que marca o início de um novo processo.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: Rés, 1983, 481p.

\_\_\_\_\_. *Teoria da interpretação*. Tradução de Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70, 1976, 112p.